

DA LEITURA À HIPERLEITURA: O ENTRELAÇAMENTO DE DIZERES

FERNANDA CORREA SILVEIRA GALLI (UNICAMP).

Resumo

Inserido no Eixo Temático "Leitura e Produção no Ensino Superior", pretendo, com este trabalho, expor parte de minha pesquisa de doutorado cuja proposta trata da análise do discurso de alunos – de três cursos de licenciatura quais sejam: Ciências Biológicas, Matemática e Pedagogia – sobre a leitura de (hiper)texto. Partindo de questões como: i) quais as mudanças na prática da leitura do texto–papel para a hiperleitura do texto–tela?; ii) quais os efeitos do imaginário, em relação à leitura de (hiper)textos, na constituição do aluno–leitor?, dentre outras, meu objetivo é abordar as representações sobre a leitura na internet, a partir dos relatos escritos pelos alunos no cenário global das "novas" tecnologias, o que faz com que eles se constituam no atravessamento dos suportes tradicionais (impressos) e tecnológicos (virtuais). Ancorada na teoria da Análise do Discurso, na intersecção com a Filosofia, Ciências Sociais e Sociologia, a abordagem que aqui proponho traz à baila a (re)constituição do sujeito–aluno–leitor, que, assim como os sentidos, está em constante movimento. Nessa perspectiva, nos relatos sobre leitura de hipertexto, emergem, de maneira entrelaçada, dizeres que buscam se estruturar no e pelo "novo", mas acabam por trazer, também, o "velho", pois "todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação–reestruturação" (PÊCHEUX, 1990 [2002, p.56]).

Palavras-chave:

Leitura, Internet, Discurso.

Inserido no Eixo Temático "Leitura e Produção no Ensino Superior" do 17º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), este trabalho expõe parte de minha pesquisa de doutorado cuja proposta trata da análise do discurso de alunos - de três cursos de licenciatura: quais sejam, Ciências Biológicas, Matemática e Pedagogia - sobre a leitura de (hiper)texto. Partindo de questões como: i) quais as mudanças na prática da leitura do texto-papel para a hiperleitura do texto-tela?; ii) quais os efeitos do imaginário, em relação à leitura de (hiper)textos, na constituição do aluno-leitor?; dentre outras, meu objetivo é abordar as representações[1] sobre a leitura na internet, a partir dos relatos escritos pelos alunos no cenário global das "novas" tecnologias, o que faz com que eles se constituam no atravessamento dos suportes tradicionais (impressos) e tecnológicos (virtuais).

Ancorada na teoria da Análise do Discurso - na intersecção com a Filosofia, as Ciências Sociais e a Sociologia -, a abordagem que aqui proponho traz à baila a (re)constituição do sujeito-aluno-leitor, que, assim como os sentidos, está em constante movimento. Nessa perspectiva, parto, então, do pressuposto de que o ciberespaço confere ao sujeito-leitor "novas" formas de leitura e de relação com o texto. Entretanto, nos relatos sobre leitura de (hiper)texto, emergem, de maneira entrelaçada, dizeres que buscam se estruturar no e pelo "novo", mas acabam por trazer, também, o "velho", pois "todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação" (PÊCHEUX, 1990 [2002: p.56]). Para a presente discussão, trago, a seguir, três excertos[2] - dois de alunos da Matemática e outro de aluno da Pedagogia.

A1_MAT(1) - ... Depois de ter sido adquirida a internet ficou mais fácil de fazer pesquisas, trabalhos. A leitura na internet também é interessante por esta apresentar vários textos, um conteúdo mais completo e ali você pode ir

pesquisando. Eu acho a internet muito interessante pois apresenta notícias atualizadas, pra quem não adquire jornal ou os horários da pessoa não permite com que ela assista....

A2_PED - ... A leitura na internet para mim é maravilhosa, adoro ler tudo, e de tudo um pouco me estimula a ler mais, mesmo que seja sobre assuntos considerados por muitos sem importância, sem contar que os assuntos são sempre atualizados, acho que contribui sim para a vida das pessoas independente da idade, pois através dela estas podem achar tudo o que procuram dos mais diferentes assuntos. ...

A3_MAT - ... Quanto à internet, a gente encontra textos diversos, notícias, acontecimentos, anúncios, etc. Para mim a internet é interessante, pois tudo o que você procura encontra, seja qualquer assunto, matéria, etc. Mas devemos ter cuidados e fazer uma seleção disso tudo, pois as vezes foge o assunto que você precisa, para isso é necessário a leitura do texto. ...

Se a internet é divulgada como um meio que proporciona buscas mais instantâneas que no material em papel, as atitudes do sujeito e seu discurso ficam circunscritos a tal funcionamento. Desse modo, a utilidade da internet se desdobra em imagens como: as pesquisas e os trabalhos acadêmicos podem ser realizados com mais facilidade, os conteúdos veiculados são mais completos e atualizados, ler na/pela internet proporciona envolvimento com o mundo, como aparece nos enunciados abordados, permeados pelo devaneio em torno do digital, uma fantasia que parece estar "em consonância com um desejo latente" (WERTHEIM, 2001: p.22). Esse desejo pelo que parece ser tão "novo" e diferente funciona como um agenciamento, na medida em que os conteúdos veiculados na internet são orientados para e sintonizados com posições que o sujeito-leitor supostamente ocupa no interior das relações sociais contemporâneas, das fantasias, etc.

Os três excertos em questão apresentam regularidades que (des)vendam determinada posição-sujeito inscrita no discurso, qual seja, a de manifestar o modo como vêem a internet: um lugar inteiramente "outro", que proporciona leituras mais atraentes, interessantes, atualizadas, além do senso de participação (de alguma forma) - fantasias fabricadas na e pela linguagem no atual contexto do (ciber)espaço. As justificativas se deslocam de modo que, de formas diferentes e fundados numa impossível completude, os alunos-leitores opinam a respeito da credibilidade concedida à leitura via internet: A1_MAT(1) - *interessante por esta apresentar vários textos, um conteúdo mais completo*; A2_PED - *é maravilhosa, adoro ler tudo, e de tudo um pouco me estimula a ler mais*; A3_MAT - *é interessante, pois tudo o que você procura encontra* - dizeres que não deixam, igualmente, de se entretecerem. O que muda com relação ao "já-lá" do texto-papel?

Ao que me parece, com exceção à forma de acesso, as descrições dos alunos também se aplicam ao formato papel, visto que o desejo de alcance total às informações acumuladas sempre existiu, mas "ter acesso a tudo nunca passou de um sonho, ainda que por diversos momentos na história tenha-se declarado que ele havia sido alcançado" (STEINBERG, 2004: p.71). Como em qualquer outra época, a internet resulta num desejo de universalização ou completude, sustentando, pois, a idéia de leitura *on-line* como uma possibilidade de acesso que abarca o universal (*mais completo; sempre atualizado; tudo o que você procura encontra*) -, o que não passa de um mito. Nessa perspectiva, além de se constituírem via agenciamentos, os dizeres em questão encontram-se circunscritos à projeção de determinado lugar de prestígio para o aluno-leitor, aberto ao novo, sujeito que o mundo contemporâneo tende a produzir, em (trans)formação.

A locução de tempo (*Depois de*), em A1_MAT(1), expressa uma circunstância atual e, ao trazer vinculado o verbo no pretérito perfeito (*ficou*), pressupõe: por um lado, que, antes, era diferente, era difícil fazer trabalhos; por outro lado, aponta para o efeito (imaginário) de completude que a internet produz, completude essa que carrega consigo a possibilidade de atualização. Isso mostra que A1_MAT(1), assim como A2_PED e A3_MAT, está em sintonia com uma posição-sujeito que atende aos seus desejos - como o de ter *conteúdo mais completo; notícias atualizadas; qualquer assunto* -, a partir do suporte-objeto-máquina (a) que ele já (se) incorporou e que opera na sustentação, como coloca Virilio (1999), de determinada autoridade. Com o emprego da expressão que indica condição (*para isso*), A3_MAT expõe, ainda, que o acesso ao desejado por meio da internet depende, assim como no texto-papel, da prática da leitura.

As formulações discursivas são produzidas numa atmosfera globotecnológica que, de modo voraz, apresenta e reapresenta "novas" formas de identidade para se estar em consonância com a lógica contemporânea. Ao apontar a internet como *interessante* - adjetivo que aparece (duas vezes) no recorte de A1_MAT(1) e (uma vez) em A3_MAT -, à máquina é atribuído um papel de não-lugar, como um espaço público de grande circulação (AUGÉ, 1994): tal como os hipermercados, na internet é possível encontrar uma variedade de produtos à disposição, pesquisar e achar o que quiser, afirmam os alunos. Como usuários do não-lugar, os alunos fazem parte das relações de poder que os governam e se eximem do fato de que, diante das possíveis escolhas, há os limites estabelecidos e a liberdade simulada pela rede que não "oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos" (BAUDRILLARD, 1999: p.148).

Se a leitura na internet é adjetivada como *interessante* (por A1_MAT(1) e A3_MAT) e *maravilhosa* (por A3_MAT), o agenciamento se dá pelo que é disponibilizado na/pela rede, e parece levar os alunos a tomarem como verdadeiro o fato de que, para o que parecia ser mais trabalhoso (via texto-papel), há soluções mais prontas e fascinantes (via texto-tela: *vários textos; conteúdo mais completo; notícias atualizadas*). Esses dizeres alimentam "uma espiral de consumo de **modos de ser** em aceleração crescente" (SIBILIA, 2002: p.33)[3], atendendo aos modelos efêmeros, que, ao mesmo tempo, respondem aos interesses contemporâneos. Numa outra embalagem, a leitura na internet desperta efeitos que parecem colocar o próprio sujeito-leitor-consumidor como "o produto comprado e vendido" (SIBILIA, 2002: p.35), como aquele que consome e é consumido (metaforicamente). Num outro recorte, que vem a seguir, A1_MAT reafirma a importância da leitura:

A1_MAT(2) - ... *Portanto, podemos dizer que a leitura é muito importante até para quem está na área de exatas pois quem lê se comunica melhor, tem mais facilidade de se expressar. Ter o hábito de ler nos torna mais envolvidos com o mundo.*

O valor da leitura também para os que não pertencem à área de Humanas circula no meio acadêmico e pedagógico há tempos: o advérbio de tempo (*até*), por um lado, aponta para uma escala de importância da leitura, cujo limite se vê ampliado para conter a área de Exatas no momento atual, na sociedade da informação; por outro lado, pressupõe que quem está na área de Exatas não se predispõe à leitura, cuja prática se tornou mais atraente com a chegada da internet. Esse discurso, que implica a presença de uma voz - parte de um imaginário comum - e que vem afirmar a leitura como não importante para a área de Exatas, é repetido por outro aluno-leitor da mesma área, que expõe, também, uma visão pasteurizada da internet, como fonte essencial de pesquisa (... *Embora seja da área de exatas gosto de ler, sempre que tenho oportunidade. A internet é extremamente importante, principalmente nas pesquisas...*, em A4_MAT).

Retomando o recorte A1_MAT(2), quando o aluno coloca a leitura como uma prática que traz muitas contribuições, por meio da oração subordinada causal (*pois quem lê se comunica melhor, tem mais facilidade de se expressar...*), parece se referir tanto ao texto-papel quanto ao texto-tela, embora de suas representações ecoe um fascínio pela leitura e pelo que ela pode proporcionar, em especial no que diz respeito ao envolvimento com o mundo, processo que compreende a transitoriedade do momento atual (espacialidade e temporalidade). As construções *comunica melhor / mais facilidade / mais envolvidos* - compostas pelos adjetivos (*melhor, mais*) que introduzem comparações, graus diferentes de qualidade e/ou quantidade - sugerem representações de leitura relacionadas à esfera social capitalista, que tem, atualmente, urdirido "o leque mais rico de tecnologias para a moldagem de corpos e de subjetividades" (SIBILIA, 2002: p.10).

Como efeito desse biopoder, no sentido foucaultiano, a internet instaura a possibilidade de projeção e, assim, o aluno-leitor espera praticidade, rapidez, facilidade, conteúdos mais completos. Nesse (des)locamento de espaço - do papel para a tela, coexistente em alguns aspectos -, a satisfação dos desejos é sustentada pelos devires que privilegiam, dentre outros, a construção de saberes e de conhecimentos e que atravessam os dizeres do aluno-leitor. O corpo, pois, também se (des)loca e se (re)formula, de modo que o sujeito-leitor parece viver o tempo dos objetos - obedientes e alucinantes - nas relações sociais, as quais representam "o estádio completo e 'consumado' na evolução que vai da abundância pura e simples, através dos feixes articulados de objectos, até ao condicionamento total dos actos e tempos" (BAUDRILLARD, 2007: p.19).

Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. (1994) *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus.

BAUDRILLARD, J. (1999) *Tela total*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.

BAUDRILLARD, J. (2007) *A sociedade de consumo*. Trad. Arthur Morão. Lisboa: Edições 70.

HALL, S. (2000) Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p.103-33.

PÊCHEUX, M. (1990) *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SIBILIA, P. (2002) *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

STEINBERG, G. (2004) *Política em pedaços ou Política em bits*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília.

VIRILIO, P. (1999) *A bomba informática*. Trad. Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade.

WERTHEIM, M. (2001) *Uma história do espaço: de Dante à internet*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

[1] A partir da teoria cultural pós-estruturalista, tomo a representação como aquela que salienta a sua dimensão de significante, e se refere (como qualquer sistema de significação) a uma construção do real e, conseqüentemente, a uma forma de atribuição de sentido (HALL, 2000).

[2] Lembro, ainda, que: i) os excertos não passaram por nenhum tipo de correção do ponto de vista da norma culta da língua portuguesa; ii) o "A" indica "aluno" e vem seguido pelo número de sequência e pela sigla do curso.

[3] Grifos da autora.